

RELATO DE EXPERIÊNCIA PEDAGÓGICA DA SALA DE RECURSO MULTIFUNCIONAL

“O valor do ensinar e aprender com diferentes olhares”

Maxima Graziella Ortolan Schmidt¹

RESUMO

Este relato de experiência pedagógica tem como objetivo o fechamento das atividades realizadas na Sala do Educador no ano de 2015, na Escola Estadual Angelina Franciscan Mazutti – Campos de Júlio – MT.

Palavra- chave: Sala do Educador. Prática Pedagógica. Ensino e Aprendizagem

ABSTRACT

This account of pedagogical experience aims at the closing of the activities carried out in the room of the educator in the year 2015, at Escola Estadual Angelina Franciscan Manish-Fields of Julius-MT.

Keyword: Educator's room. Pedagogical Practice. Teaching and learning

RELATO

Ao assumir a Sala de Recursos Multifuncionais, deparei-me com o desafio de através das ações no micro espaço, contribuir para o aprendizado e desenvolvimento de meus alunos na sala de aula regular. Minha experiência iniciou-se com atividades voltadas para a sondagem, com o objetivo de realizar o levantamento dos conhecimentos prévios dos alunos, bem como de seu desenvolvimento físico e social. Procurei nos primeiros encontros através de

¹ Professora- Escola Estadual Angelina Franciscan Mazutti – Escola Municipal Germano Lazaretti- Campos de Júlio-MT. Especialização em Metodologia e Didática para Educação Básica Numa Visão Interdisciplinar- Especialização em Educação Infantil Séries Iniciais Alfabetização e Letramento- Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional e Educação Inclusiva. E-mail: amixam7@hotmail.com

roda de conversa e em algumas vezes, individualmente, estimular os alunos a se expressarem em suas vivências escolares ou não, o que me permitiu avaliar em qual nível cada um se encontrava e perceber que a grande maioria dos alunos enviados até mim, tinha muito que avançar e que dentro de suas singularidades necessitavam um atendimento individualizado.

A partir daí, entendi que meu planejamento deveria ser o mais abrangente possível e para tanto, busquei auxílio da minha Coordenadora Pedagógica. A qual me fez perceber que a formação continuada dentro da sala do educador, seria um dos caminhos que eu deveria buscar para amenizar minhas aflições e ansiedades perante o desafio assumido. Visto que, um dos conteúdos a ser abordado seria o respeito às diferenças nos diversos contextos sociais.

Nos encontros da sala do educador, várias temáticas foram abordadas no decorrer do ano. Entretanto, destaco aqui a que considero mais relevante para minha atuação pedagógica, a importância do planejamento para a organização do trabalho pedagógico. Foi muito interessante, pois logo de início promoveu uma reflexão sobre tal importância. Sobre esse assunto, Esteban nos revela que é importante considerar que o planejamento seja flexível, pois: O cotidiano da sala de aula é tempo/espço de imprevisibilidade. O professor frequentemente se encontra diante de situações comuns que alteram a dinâmica da sala de aula, interferindo no processo ensino/aprendizagem. O planejado vai sendo atravessado pelos fatos que se impõem ao previsto, criando novas demandas, novas possibilidades, novos obstáculos, fazendo com que o preestabelecido precise ser constantemente revisto e reorganizado (2001, p. 172).

Compreendi que ao planejar é preciso considerar as necessidades dos alunos, abrindo espaço para a criação de vínculos afetivos, respeito às diferenças, promovendo o diálogo e a construção de conhecimento através da interação, do lúdico e da contextualização. Desta forma, procurei tornar meu planejamento mais rico e promissor, tendo em vista facilitar o entendimento e o aprendizado de meus alunos.

Em minha experiência destaco aqui as vivenciadas com três alunos distintos, que me possibilitaram um olhar além do ensinar, onde o desafio de ensinar foi superado pela possibilidade do aprender.

Aluno I – Minha experiência com ele tem início um ano e meio antes quando este chega a minha sala de quarto ano, a princípio o trato como tantos outros que no decorrer do ano são matriculados em nossas salas de aula. Com o passar do tempo, percebo que há algo de diferente, busco a família e me é relatado fatos da vida da criança que me deixam ainda mais aflita. O ano se finda, no ano de 2014, meu aluno está lá novamente semelhante de quem quer e necessita de ajuda. Decido buscar a psicóloga escolar, essa ouvindo a história, decide me auxiliar. Após avaliações e testes feitos passa-me a conclusão por ela feita. A partir daí minha visão do aluno muda e principalmente o meu planejar, com isso percebo que os avanços são visíveis e principalmente à vontade e o desejo de aprender do meu aluno a cada dia são maiores, em contrapartida, a cada aula o meu planejar atinge cada vez mais meu aluno. Ao final do ano ele já conseguia fazer as primeiras decodificações de palavras canônicas. Em 2015, o recebo na Sala de Recurso Multifuncional e agora meu trabalho com o aluno é a cada atendimento mais efetivo e significativo perante o processo de alfabetização deste. Meu planejamento é feito com base no método das vinte e oito palavras e a cada lição, sua evolução é visível. Porém, como professora a vinte e cinco anos sei que o reconhecimento de meu trabalho só se efetiva com o aval dos outros. E com meu aluno que neste ano se encontra na sala regular do sexto ano, acontece quando a professora de Geografia me diz: “- *Grace você viu o Aluno I, ele lê mais não é só as simples está lendo as complexas*”...

Aluno II – Quando o aluno chega até minha sala logo percebo sua resistência em estar ali observa o ambiente com discrição sem demonstrar curiosidade. Ao iniciar a primeira sondagem, o aluno é evasivo não dando muita abertura para o diálogo suas falas se limitam a poucas palavras, nas atividades escritas realiza o mínimo do solicitado. A partir daí percebo o desafio, nos atendimentos que sucedem fica cada vez mais difícil. A mudança acontece quando ele repara no computador da sala. E pela primeira vez a

conversa flui de um assunto trazido pelo aluno “Facebook” e sua vontade de ativar sua conta. A partir desse interesse, programo meu planejamento e as atividades, com a dificuldade de na sala não haver internet. Desse primeiro diálogo, consegui outros girando em torno de assuntos dos mais variados campos. O que faz com que eu tenha uma nova visão sobre o conhecimento do aluno e principalmente iniciar certo vínculo com este. No entanto, nada é fácil a cada planejamento, busco um novo assunto uma nova ação diante do que o meio que estamos inseridos me da condição de interferir e contribuir com seu desenvolvimento. Dentre as atividades, destaco que foi observado, que o aluno não tem o domínio de seu nome completo. Em meu planejamento, coloco como objetivo construir para o aluno uma conta no Facebook, talvez essa tenha sido minha ação do ano, pela primeira vez seu rosto abre para uma expressão completamente diferente das que estava acostumada, após a conta aberta os atendimentos mudaram, percebi por parte do aluno reciprocidade em estar sendo atendido. Trazia nomes de colegas para serem pesquisadas, frases para serem publicadas e principalmente vontade e interesse.

As práticas pedagógicas são importantes para que o trabalho do professor realmente se concretize, para isso, é preciso que o professor modifique suas atividades, avalie suas ações tornando-as mais efetivas e adequadas às necessidades de cada aluno. Diante disso, o planejamento é indispensável para esses profissionais, a fim de alcançar objetivos mútuos.

Acreditamos que as boas práticas pedagógicas sejam apropriadas a todos os alunos, inclusive àqueles com necessidades educacionais especiais. (...) em alguns momentos e contextos, esses alunos podem precisar de flexibilizações mais significativas ou de atendimentos mais específicos. (ALMEIDA; MARTINS, 2009, p. 17).

Aluno III – Quando fui informada da chegada de um novo aluno, busquei informações referentes às suas especificidades, no relatório apresentado algumas coisas não eram tão claras e conclusivas. Como sempre, o primeiro contato é de sondagem, onde é necessário dar atenção a todos os detalhes e respostas oferecidas diante das atividades propostas. Verbalmente, o aluno demonstrou entendimento e principalmente estar apto a aprender com relação ao processo de alfabetização, o aluno reconheceu poucas letras e teve dificuldade em identificar seu nome e as letras que o

formam. Para o atendimento seguinte, planejei atividades voltadas ao reconhecimento e compreensão de seu nome. As atividades foram elaboradas de maneira a dar condições para o aluno participar ativamente dentro de suas limitações físicas. Usei fichas com letras, figuras e sílabas, confecção de cartaz, a leitura, a desconstrução e construção do nome. A aula fluiu de forma a me proporcionar uma satisfação e principalmente que o aprendizado do aluno fácil. Qual minha surpresa no atendimento seguinte, o aluno não foi capaz de reconhecer seu nome em uma relação e tão pouco a primeira letra deste nomear. Essa experiência serviu-me para analisar o quanto é difícil reconhecer e compreender as singularidades dos nossos alunos. A partir dessa avaliação voltei meu planejamento torneio mais dinâmico possibilitando diferentes atividades em um mesmo encontro, onde essas variavam com jogos motores, memorização e processo de alfabetização. No último encontro que tivemos reconheceu seu nome e identificou as letras conseguindo organizá-las na sequência correta.

É admirável que ao preparar as atividades reflitamos na situação dos alunos, nas suas dificuldades de aprendizagens, nos seus anseios. Quando o tema é aprendizagem devemos compreender que nela estão envolvidos aspectos cognitivos, afetivos e emocionais.

Neste sentido, concordamos com Stainback (1997; 44) ao afirmar que, “Apesar dos obstáculos, a expansão do movimento da inclusão em direção a uma reforma educacional mais ampla, é um sinal visível de que as escolas e a sociedade vão continuar caminhando rumo a práticas cada vez mais inclusivas”.

Considero de grande importância destacar que a partir da formação oportunizada na Sala do Educador, desenvolvi um olhar diferenciado para o ato de ensinar, bem como para meu planejamento e para as intervenções pedagógicas. Este olhar diferenciado proporcionou-me perceber que os alunos nos ensinam a todo o instante nos dão o caminho. É necessário dar atenção as suas reações desejos e vontades, e a partir deste oferecer aulas mais significativas, prazerosas e atraentes, e isso faz toda a diferença se tratando da educação especial oferecida na Sala de Recursos Multifuncionais.

Meu desejo é muita motivação para continuar desempenhando ações e práticas significativas para a construção do conhecimento de meus alunos.

REFERENCIAIS BIBLIOGRÁFICOS

ALMEIDA, Mariangela lima de; MARTINS, Inês de Oliveira Ramos. Prática pedagógica inclusiva: a diferença como possibilidade. Vitória, ES: GM, 2009.

STAINBACK, Susan e Stainback William Inclusão: um guia para educadores Porto Alegre: Artmed, 1999.